

Corpos In-transe: a ciranda e o funk no jogo por conhecimentos e afetos outros

Ana Carolina Torres
Felipe Nunes Quaresma
Flávio Nunes dos Santos Júnior

O presente relato traz interpretações de uma tematização de dança com estudantes de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de São Paulo, situada no distrito do Capão Redondo. Um espaço marcado pela carência de políticas públicas, porém cercado pela pulsão dos corpos e uma vasta produção cultural merecedora de total reconhecimento e valorização por parte das ações educacionais.

O trabalho envolveu turmas do ciclo de alfabetização (do 1º ao 3º ano) do Ensino Fundamental I, bem como turmas de 6º ano, dentro das aulas de Educação Física, ao longo do primeiro bimestre do ano de 2019. Antes de adentrar ao debate da prática pedagógica, julgamos pertinente situar o contexto que nos envolve.

Olhando as produções tecidas junto aos estudantes do ciclo de alfabetização nos anos anteriores, observamos que as aulas de Educação Física investiram boa parte do tempo em tematizar as brincadeiras. Assim, na tentativa de ampliar e enriquecer o repertório de práticas acessadas pelas crianças, consideramos adequado tematizar as danças, desde que estivessem em plena sintonia com a realidade vivida pelos discentes.

Desejávamos fugir de uma didática presa à concepções utilitaristas e momentâneas. Não queríamos dedicar apenas uma semana do calendário letivo para formatar os corpos infantis, o que costuma acontecer no período que antecede a festa junina. Nossa sede foi outra: compreender e viver com mais intensidade e profundidade as performatividades das práticas selecionadas.

Já sabendo que as turmas do 6º ano haviam dedicado os anos anteriores a estudar brincadeiras, práticas corporais indígenas e futebol, promovemos um diálogo inicial na tentativa de identificar quais danças eram conhecidas pelos discentes. Funk, sertanejo, samba, hip-hop, tango, valsa, forró, balé, capoeira, foram algumas das manifestações anunciadas.

Na continuidade da conversa, entraram em cena os lugares onde se promovem as danças no território em que a escola está situada. Sesc Campo Limpo, rua, quadra, campo do Rosana, Metrô, Parque da Mata, Estrada Mix, Capão, Choperia, casa, tabacaria, beco, banheiro e posto de gasolina, além da própria escola, foram os locais que vieram à tona.

Na disposição de intensificar o diálogo e saber um pouco mais sobre aquilo que era de conhecimento dos alunos, procurou-se identificar como entendiam o dançar. Entre um anúncio e outro, mexer o corpo, desafiar o outro, deboche, batalha, criar, mostrar os sentimentos, sentir o som da música, aprender, alegria, liberdade, amor, se divertir, coreografia, ritmo e vergonha foram os termos frisados, ou melhor, foram os textos declamados, uma vez que possuem profundos significados e carregam consigo certa complexidade.

Nessa toada, ainda como parte do processo de definição do tema, buscamos saber a origem das famílias dos estudantes. Os estados do Maranhão, Rio Grande do Norte, Bahia, Pernambuco, Piauí, Ceará, Minas Gerais e São Paulo foram mencionados. Percebendo a grande presença da região nordeste nas lembranças infantis, questionou-se sobre o que sabiam acerca dessa mesma localidade: sotaque, tem pontos turísticos, muito calor, comida típica (baião de dois), não chove, praias, plantações, tem seca, as pessoas são engraçadas, cacto.

Analisando o que as crianças tinham dito sobre o dançar, o local de origem de suas famílias, as práticas de dança que conheciam e as localidades onde se performavam, elegemos a ciranda como nosso objeto de estudo. Isso se deu, sobretudo, por não ter surgido na fala das crianças, além de ser uma manifestação criada por mulheres do território de origem da comunidade onde a escola está inserida. Importante lembrar que até aquele momento as aulas haviam sido palco de manifestações produzidas pelo público masculino.

Por ser desconhecida dos estudantes, a introdução ao tema se deu a partir da assistência a vídeos previamente selecionados, ocasiões acompanhadas de comentários e gracejos: “brincadeirinha de criança”, “tem na Galinha Pintadinha”, “eu fazia na EMEI”. Convidados a analisar as imagens, as turmas destacaram os seguintes pontos: dançam descalços, dançam em roda, mexem os braços, fazem o gesto de acordo com a música, roupa colorida, é macumba, credo, tem criança, tem velho.

Ao tomar conhecimento do tema que abordaríamos, a professora de Arte da turma se sentiu atraída pela dinâmica construída coletivamente. Uma vez afetada pelos diálogos, teve a iniciativa de cantar junto com as crianças a música *Cirandeiro*, composta por Edu Lobo. Num contexto atravessado pela inventividade, além da voz para ecoar a letra da

canção, coloriu-se a cena com uma percussão, utilizando as palmas e batidas nas carteiras¹.

Os estudantes foram convidados a produzirem a roda em consonância com o que tinha sido assistido e cantado. Enquanto um grupo ficou responsável pelo desenvolvimento da canção da mesma maneira como realizada no encontro anterior, outro ficou incumbido de performar a dança.

Entre uma produção e outra, decidimos coletivamente analisar aquilo que fora fabricado durante os encontros: falta sincronia; “estão pisando no pé”; “alguns não levam a sério”; “muita bagunça; muitas meninas dançaram”; “não cair no chão”; “colocar o pé pra frente é ruim”; “poderia ter uma batida melhor”; “precisa de mais gente e mais músicas”; “fazer uma roda com todos seria bacana”; “a dança é legal, falta organização”.

Após intenso diálogo, juntos, buscamos reorganizar a roda de modo a deixá-la mais acolhedora, intensificando a necessidade de reconhecer o outro como condição mais que necessária para realização da dança, o que exigia de todos os integrantes o cuidado não só consigo, mas também um cuidar do outro.

Decidimos assistir a uma matéria produzida pelo programa *Fantástico* a respeito da ciranda, tendo como notável atração uma mulher, Lia de Itamaracá. Conseguimos perceber a personalidade de maior nome quando o assunto é ciranda. Lia foi homenageada pelo *Galo da Madrugada* no carnaval de rua do Recife e, de acordo com suas declarações, a realização da roda traz paz, felicidade e tranquilidade, sendo o mar o elemento inspirador para composição das canções.

Além disso, constatamos que a manifestação foi inventada no estado de Pernambuco por mulheres trabalhadoras, tendo como fundamental propósito a celebração da vida, sobretudo daqueles que retornavam do alto mar após a busca de parte do sustento de todos e todas, além da conquista decorrente das navegações, a pesca. No início a prática se dava primordialmente na beira da praia, mas com o passar do tempo, as metrópoles apropriam-se das rodas e canções da ciranda.

Também percebemos que cirandeiro ou cirandeira é o nome dado aos/às praticantes de ciranda, sendo as roupas coloridas e largas a vestimenta predileta. As mulheres preferem saias ou vestidos longos floridos e os homens usam calças ou bermudas e camisetas com a mesma composição.

¹ Referência às mesas das salas de aula.

Enquanto as turmas do 6º ano se esbaldavam com a ciranda, o 1º, 2º e 3º ano estavam atravessados por outras danças. Levamos a cada sala de aula uma caixa de som e um celular, a fim de provocar as crianças a dizerem as músicas e danças que conheciam. A cada cantiga anunciada, gestos e vozes, preenchiam o viver das aulas. Num fervor performático, alguns corpos foram tomados pela fuga. Atingidos por olhares dissecantes, o deslocamento para as beiradas, para os cantos das salas, foi mais atraente para algumas meninas.

Mesmo se afugentando, as experiências dançantes imprimiam em seus corpos uma série de desejos cruzados a cada som tocado. Algumas crianças preferiram permanecer sentadas nas cadeiras, aprisionadas às carteiras, na condição de observadoras e comentadoras. Nos devires da dança, narrativas foram proclamadas: “menino não rebola”, “mexe a raba”, “os meninos vão querer sarrar as meninas”, “esse movimento só os meninos vão conseguir fazer”, “não sou menina, não vou dançar”. Esses enunciados nos levaram a tematizar o funk na tentativa de problematizar esse corpo que rebola, desce e sobe, vai até o chão, pula, retrai-se, desliza, faz quadradinho, canta e grita.

Os diálogos didáticos tecidos a cada encontro despertaram algumas sensibilidades docentes ao deparar-se com as potencialidades da dança transbordando o viver. E num extravasar reflexivo, algumas questões apareceram na cena: por que não promover o cruzamento de conhecimentos entre as crianças do Ensino Fundamental I e as turmas do 6º ano? Seria possível numa mesma aula experimentar ciranda e funk?

No ruminar das ações pedagógicas, apanhamos o celular e a caixa de som, convidando estudantes do 1º e do 6º ano a performarem a ciranda conectada com o funk. “Nossa, a gente vai ficar com os pequenos?”. “Sim”. “Prof, a gente vai ficar com os grandes?”. “Sim”. O estranhamento foi grande, não por acaso, pois, com a justificativa de garantir a segurança, a normativa de separar os corpos em todos os momentos institucionalizados (entrada, saída, intervalos, atividades) é apresentada como condição vital.

As subjetividades infantis pulsavam conhecimento, atenção, desconfiança, inquietação, ao mesmo tempo que possibilitavam a produção de algumas trincas nas concepções educacionais. “Segura minha mão”. “Não pode soltar a mão”. “Levanta os braços, põe o pé a frente”. “Cuidado com ela”. “A roda gira”. “Aumenta o som”. “Que música é essa?”. “É *Rosa Vermelha*, do Alceu Valença”.

No encontrar dos corpos, problematizações, gestualidades e desejos penetravam os afetos. O cuidado com o outro e consigo fortalecia o viver da ciranda e acompanhava

a produção de conhecimentos. Assim, o aprendizado se deu em várias direções e momentos, entre os diferentes sujeitos, não só na relação professor-aluno, mas também no encontro educando-educando, sem qualquer tipo de controle. Nessa conjuntura, fugiu-se da concepção de corpo enquanto suporte para aproximar-se da condição de corpo situado num determinado contexto socio-histórico, logo, cultural, dedicando-se a permitir a elevação das potencialidades dos saberes que o marcam.

Num intenso processo de hibridização, as experiências com o funk se cruzaram com as criações da ciranda. As crianças apresentaram sugestões. Um grupo formou uma grande roda, enquanto outro achou melhor permanecer em seu interior performando a dança de modo único, em total sintonia com os toques e sensações do momento. “Olha esse passo aqui”. “Agora gira, vai girando”. “Sente a música”. “Faz o passinho”.

No meio de tantos frissons, a simbologia da roda, o nome de *Lia de Itamaracá*, o significado dos gestos dos braços e mais alguns elementos se entremearam. Em meio à pujança, a recordação e a memória tocaram os ouvidos estudantis. A professora de Arte, ao tempo que dançava, compartilhava formas de realizar os passos, a posição das mãos (uma tem de estar com a palma voltada para baixo – para receber energia – e a outra para cima – para transmiti-la).

Dentro desse horizonte, observamos uma entrega, um permitir-se, um sincero reconhecimento e valorização de diferentes maneiras de performar as práticas em cena, em total consonância com as experiências de cada um, não precisando marginalizar-se com receio de olhares inquisidores. O preconceito e a discriminação foram pisoteados, falas com viés de rebaixamento das vidas pulsantes foram fragilizadas, esvaziadas, esquecidas.

Nos caminhos pedagógicos, surgiu a possibilidade de rasgar as ruas da comunidade para vivê-la de uma outra forma, circular pelas vias, becos e vielas para perceber espaços onde se faz possível a prática da dança. Quando se aproximava o momento de sair, o corpo transbordava ansiedade, era um instante de grande espera, sair da escola e vivenciar a quebrada. Aparentemente um gesto tão simples, mas carregado de sensações e expectativas. Andar e dançar com os colegas e professores era um fato a ser comemorado, percebíamos a vontade de mostrar onde viviam, caminhavam, habitavam.

Uma turma saiu em cada dia, junto com a professora regente e o professor de Educação Física. Ressabiados com uma provável liberdade em percorrer as vias, todos os atores permaneceram atentos, discentes juntos com seus professores, grudados, mãos entrelaçadas, com olhares atentos, fixos. Os que se desgarraram seguiram na frente,

passos largos, firmes, prontos. Destemidos, falavam alto, mostravam e apontavam o que viam pelo caminho. Ao passar pelo comércio local e placas de sinalização, liam e comentavam com seus colegas e professores os valores, indicações, proibições.

Mesmo diante de calçadas desniveladas, buracos, postes mal posicionados, os corpos saltavam, pulavam, agachavam, criavam estratégias para percorrer esses novos/velhos caminhos. Presenciamos muitos encontros com vizinhos, parentes e amigos. “Meu vô mora aqui”. “Olha lá minha prima, prof.”. “Eu conheço essa mulher”. Olhares surpresos indagaram as crianças: “De onde vocês são?”; “Estão fazendo o que na rua?”; “Só podem ser do Maria Rita”.

A cada metro percorrido se percebia uma vontade de relatar suas vivências ali construídas. Surgiram histórias, disputas pela fala, atravessando e transbordando os ouvidos. Em meio à riqueza da comunidade: “aqui é o beco”, “aqui é a favela”, “moro nesse barraco”. Batidas nas portas, gritavam-se nomes, palmas, um chamado para mostrar aquele/seu momento, aqueles/seus colegas, aqueles/seus professores.

Esses (des)caminhos encenaram o cotidiano sob outra ótica, com um gosto diferente. Ao fim, o retorno à escola unia o cansaço e a alegria, corpos suados, sorrisos largos, emoções que borbulhavam. Por alguns instantes, memórias foram construídas enquanto a escola era empurrada para um outro lugar, da mesma forma os afetos. Naquelas manhãs, os encontros transcenderam os muros, carteiras, cadeiras, cadernos e quadros, para ganhar vida em outro território, esmagando a rotina do encarceramento, fabricando uma educação outra.

Nos fluxos pedagógicos, os componentes curriculares se viram cruzados, as subjetividades docentes provocaram algumas impressões no fazer educacional. A cada encontro, a professora de Arte, sensibilizada pelo momento, permitiu-se encobrir pelas trocas de conhecimentos e afetos que tomavam as vivências. Com posse de um celular registrou os olhares, os gestos, as expressões encenadas pelas subjetividades infantis e docentes.

Os registros potencializaram ainda mais as vidas presentes, permitiram aprofundar conhecimentos vivos sobre as danças. Sabendo que os momentos eram instantes, efêmeros, a produção de fotos nos atravessou de modo a torná-los mais latentes, permanentes e até eternos. A cada imagem visualizada, nós professores pensávamos o que possivelmente esteve presente nas vivências, apenas ruminatórias. A partir das leituras e interpretações, programávamos o passo seguinte, a aula posterior, foi dessa maneira que a avaliação seguiu.

No fim das contas, fabricaram-se novos territórios do saber, não só os educandos foram tocados pelo aprender. Com tantas imagens e significados, os docentes foram agraciados por experimentações nunca degustadas, sentidas, o que gerou significativa aprendizagem acerca do fazer pedagógico. A intensidade foi tamanha que consideramos viável compartilhar essa espantosa excitação, assim, elaboramos uma exposição no dia da famosa reunião de pais para que se afetassem com as experiências tecidas pelos pequenos.

Durante o evento, as famílias apreciaram ao seu modo os registros expostos, gente sem pressa e presente no olhar, buscando observar suas crianças, vizinhos, sobrinhos, filhos, filhas, netos, irmãos. Sorrisos largos, suspiros e gargalhadas transbordaram as cenas. Ao passo que se deliciavam com as imagens, alguns com a companhia do próprio menino ou menina, agradeciam pelo cuidado e atenção dada a cada pessoa.

Após a realização do trabalho, dialogamos com as crianças a fim de identificar o quão impactadas ficaram ou o que tinha sido mais marcante ao longo da tematização. “Eu gostei de ter ficado com as crianças pequenas”, “Eu achei legal ficar com os grandes”. “Teve a história da ciranda”. “Em alguns momentos ficou desorganizado”. “Dar as mãos”. “O passinho foi legal”. “Aquela foto estava muito tumblr”. “Vocês tiraram foto da gente distraído”. Essas foram algumas das lembranças que tocaram as crianças. Algumas tiveram dificuldades de se reconhecer nas imagens, mas a maioria se sentiu autora de tudo aquilo. Outras preferiram ressaltar os acontecimentos da aula, as discussões, as performances do corpo, demonstrando ter ficado com sede de novos encontros.

Nesse flerte relampejante, na busca incessante de potencializar as dores que a escola insiste em esconder, conseguimos nos conectar com os estudantes. Em certos momentos os discentes anunciaram: “nossa aula é uma festa”. O tique-taque do relógio ecoou nos corpos e o desejo foi pará-lo, uma vez que em seus poros transbordaram o querer mais tempo, mais contato, mais gestos, mais liberdade. Temos o prazer e a certeza de anunciar que as aulas abraçaram a felicidade, transaram com o amor e foram penetradas pela alegria.

Na efervescência dos encontros, aquilo que aparentemente estava naturalizado foi se fissurando. A confluência dos corpos fabricou afetos e conhecimentos, compondo os laços que deram a consistência de uma vultosa rede. Todos os momentos agarraram o presente sem amor ao passado, muito menos desejo ao futuro, fazendo das ações didáticas um instante da estilística do viver, fissurando o fazer “para” com o qual a escola e a sociedade nos encarcera (para o futuro, para a prova, para o mundo do trabalho, para ser

alguém). Os significados constituintes da ciranda e do funk, sobretudo as diferentes maneiras de performá-los, atravessados pela produção de registros, potencializou um viver educacional em sintonia com as demandas locais, abrindo as fendas que rebaixam as vidas de inúmeras pessoas, que precisam diariamente inscrever em seus corpos comportamentos que abafam e mascaram seus desejos.

CORPOS IN-TRANSE































